

**O contexto de trabalho dos artesãos do mercado do artesanato de
Maceió, Alagoas-Brasil**
**The work context of artisans at the Maceió, Alagoas-Brazil craft
market**

Milka Alves Correia Barbosa

Doutorado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
Docente da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (UFAL), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8114-0333>

E-mail: milka.correia@feac.ufal.br

Patrícia Araújo Ferreira da Silva

Mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal de Alagoas, Brasil.
Assistente em Administração da Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9136-0794>

E-mail: patricia.silva@mhn.ufal.br

Rodrigo Gameiro Guimarães

Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
Docente da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (UFAL), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3694-4260>

E-mail: rgameiro@feac.ufal.br

Tainá Medeiros dos Santos

Graduanda em Administração pela Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1674-3717>

E-mail: taina.santos@feac.ufal.br

Resumo

O artesanato é uma atividade para o desenvolvimento socioeconômico-cultural do Brasil, e o artesão é figura central na atividade. Alagoas é reconhecida pela variedade da produção artesanal que se manifesta nas diversas tipologias como barro, couro, madeira, fibras vegetais, sementes e cascas, fios e tecidos. A região conhecida como Grande Maceió tem o artesanato como um dos principais atrativos turísticos. Neste contexto, esta pesquisa procura identificar os desafios cotidianos dos fazeres dos artesãos de Maceió. Para isso, foi realizada uma investigação de caráter descrito e abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de análise documental e quinze entrevistas

semiestruturadas realizadas com artesãos do Mercado de Artesanato de Maceió. A escolha do Mercado do Artesanato de Maceió como lócus do estudo teve como critério a relevância do espaço para o artesanato local. Nas análises do material coletado foram identificados os seguintes desafios dos artesãos: atravessadores na comercialização, dificuldades para adquirir matéria-prima, dificuldades de logística, falta de habilidade com as tecnologias e para lidar com editais, especificidades de ser mulher artesã e desengajamento de novas gerações. Espera-se que esta investigação contribua com a compreensão aprofundada da condição artesã e a formulação e implementação de políticas públicas para o setor, em níveis local e regional.

Palavras-chave: Artesãos. Mercado de Artesanato. Ofício artesanal. Alagoas. Maceió.

Abstract

Crafts are an activity that contributes to the socioeconomic and cultural development of Brazil, and the craftsperson is a central figure in this activity. Alagoas is known for the variety of crafts produced in various types, such as clay, leather, wood, plant fibers, seeds and bark, threads and fabrics. The region known as Grande Maceió has crafts as one of its main tourist attractions. In this context, this research seeks to identify the daily challenges faced by the artisans of Maceió. To this end, a descriptive investigation with a qualitative approach was conducted. Data was collected through documentary analysis and fifteen semi-structured interviews with artisans from the Maceió Crafts Market. The choice of the Maceió Crafts Market as the locus of the study was based on the relevance of the space for local crafts. The following challenges for artisans were identified in the analysis of the collected material: middlemen in marketing, difficulties in acquiring raw materials, logistical difficulties, lack of skills with technologies and in dealing with public notices, specificities of being a female artisan and disengagement of new generations. It is expected that this research will contribute to a deeper understanding of the artisan condition and the formulation and implementation of public policies for the sector, at local and regional levels.

Keywords: Craftsmen. Crafts Market. Craftsmanship. Alagoas. Maceió.

1 INTRODUÇÃO

Presente na história desde que o homem passou a fabricar manualmente as ferramentas, utensílios e artefatos do seu cotidiano, o artesanato é um ofício que pode ser considerado a primeira atividade de trabalho humano. Neste sentido, Faria e Silva (2017) apresentam o artesanato como algo que se entrelaça à história desde os primeiros agrupamentos humanos pelo mundo, sobretudo com o movimento de transição das formas nômades de vida para o seminomadismo e o sedentarismo, passando por fases de valorização alternadas e por períodos de desprezo, passando por várias sociedades distintas.

Com o avanço da manufatura capitalista e, apesar da diminuição na produção artesanal, contemporaneamente se observam tendências de valorização dessa atividade, em parte relacionada ao processo de globalização (Rodrigues, 2021) que, ao mesmo tempo em que padroniza diversos elementos dos hábitos e culturas dos povos, também destaca os processos de afirmação das identidades e diferenças. Nesse contexto, o artesanato passa a figurar como uma representação das identidades culturais e uma expressão do patrimônio material e imaterial de nações e grupos culturais. Além disso, o artesanato pode ser descrito como uma atividade econômica vinculada à cultura e aos

saberes populares, que figura como fonte de renda e expressão da identidade para milhares de grupos e comunidades periféricas do Brasil e mundo afora (Sá et al., 2020).

Em sua faceta mais tradicional, o artesanato caracteriza-se como um conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um grupo, representativo de suas tradições e integrado à sua vida cotidiana como parte indissociável de seus usos e costumes. Sua produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, possibilita a transferência de conhecimentos de geração para geração, em que seu valor cultural é decorrente da preservação da memória cultural de uma comunidade (Brasil, 2012).

A atividade artesã caracteriza-se também por ser uma atividade social na medida em que se transmite desde quando as gerações mais novas são iniciadas ainda na infância como forma de complementar o sustento da família (Lopez-Lopez; Isunza-Bizuet, 2019). Trata-se de uma atividade baseada na transformação manual da matéria-prima em produtos criativos de valor cultural, por indivíduos que detêm o conhecimento de técnicas específicas (Brasil, 2012), e esse processo agrega valor simbólico a produtos que buscam se diferenciar no atual contexto das culturas massificadas (Cavalcante; Vasconcelos, 2022).

Há uma vasta tipologia artesanal, sendo que as mais utilizadas no artesanato brasileiro são argila ou barro; pedra; fibras vegetais; palhas e cipós; madeiras; sementes e cascas; fios; couro; metais; papel; outros (vidro, osso, chifre, borracha, conchas, areia, plástico, cera, massa etc.) (Brasil, 2012). Essas matérias-primas geralmente estão ligadas ao artesanato pelo seu vínculo com um território, suas práticas e costumes. De fato,

A relação identidade-território é um constructo social que se institui temporalmente tendo como elemento primordial o sentido de pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência. Esse sentimento de pertencimento e de concepção do espaço como *locus* das práticas é o que confere ao espaço o caráter de território. No artesanato, este território passa a ser representativo das identidades e potencialidades locais expressas em cada uma das tipologias do fazer empregadas. Uma dimensão de espaço (Soares; Fischer, 2010, p.6).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), existem cerca de 8,5 milhões de artesãos no Brasil. A atividade artesanal contribui com 2,8% do Produto Interno Bruto (PIB) do país, correspondente a mais de R\$ 30 milhões anuais. Nesse contexto, destaca-se o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) que foi instituído em 1991 com objetivos de elevar os níveis sociais, culturais, profissionais e econômicos dos artesãos brasileiros e desenvolver a empresa e o produto artesanal.

Em Alagoas, a coordenação do PAB está sob a responsabilidade do Programa Alagoas Feito à Mão (PAFM) que faz o mapeamento, curadoria e apoio à comercialização com foco na identidade cultural e artística local. O Programa chegou em 2022 com mais de 16 mil artesãos cadastrados e realização de diversas visitas técnicas em todas as regiões do estado e instalação de placas de identificação em ateliês e associações¹.

Alagoas é o quarto maior estado brasileiro em número de artesãos com cadastro ativo no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Brasil, 2023). Conforme dados disponibilizados pela Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Turismo (Sedetur), são pelo menos 15 mil artesãos cadastrados, dos quais 85% têm o artesanato como única fonte de renda (Oliveira, 2020). Sobre os valores e resultados do Artesanato em Alagoas:

¹ Informações extraídas do catálogo ALAGOAS, memória das mãos. Maceió, AL: GrafMarques, 2022.

[...] os valores comercializados pelos artesãos em feiras e eventos articulados a partir do programa cresceu 135% comparando os anos de 2015 e 2018, resultando em um total estimado de mais de R\$ 2,7 milhões de vendas juntando os quatro anos, sendo 56 mil produtos comercializados nos cerca de 70 eventos voltados ao Artesanato realizados nesse intervalo (Oliveira, 2020, p.45).

A variedade da produção artesanal em Alagoas se manifesta nas diversas tipologias como barro, couro, madeira, fibras vegetais, sementes e cascas, fios e tecidos, ferro, pedra, vidro, papel, material sintético, dentre outras (Alagoas, 2021), que guardam relação direta com os recursos disponíveis em cada região onde vivem os artesãos. Sobre esse aspecto, após analisarem a distribuição territorial das tipologias artesanais em Alagoas. Cavalcante e Vasconcelos (2022) observaram que as matérias-primas estão diretamente relacionadas aos recursos naturais e culturais de regiões turísticas alagoanas, estando assim distribuídas: os fios e tecidos na região Lagoas e Mares do Sul; a madeira na região Caminhos do São Francisco; o barro na região dos Quilombos; e a madeira na região Agreste.

Sobre o perfil dos artesãos alagoanos, dados do período dos anos 2000 a 2020 mostram que 70% estão na faixa etária de 30 a 59 anos; 73,4% adquiriram conhecimento sobre a atividade na prática; aproximadamente 83% mantêm famílias com até 5 pessoas com a renda advinda do artesanato; apenas 13,5% utilizam a renda do artesanato para sobrevivência individual; 85,1% melhoraram de vida com o artesanato; 85% possuem carteira de artesão, 80,6% repassam sua técnica sem remuneração; 71% participam de associações e 85% são do sexo feminino (Sebrae, 2021). Isso demonstra que as mulheres artesãs são a maioria e a renda obtida mantém as famílias e que a maioria está vinculada a associações.

A região conhecida como Grande Maceió, onde está localizada a capital de Alagoas, tem como um dos principais atrativos turísticos, o patrimônio cultural dos bairros, o qual inclui o artesanato. Maceió responde por 9% do artesanato alagoano, permanecendo os fios e tecidos na liderança das tipologias utilizadas, seguidos pela madeira, e, em terceiro lugar, pelas fibras vegetais (Cavalcante; Vasconcelos, 2022). Apesar de produzir menos, pouco menos da décima parte do artesanato alagoano, em Maceió vivem cerca de um terço da população do estado.

Partindo desse contexto, esta investigação orientou-se pelo objetivo de retratar o contexto do trabalho artesanal em Maceió. Nesta pesquisa, o contexto do trabalho é caracterizado pela identificação da divisão do trabalho, do conteúdo da tarefa, do ambiente físico, químico e biológico, das condições de higiene, de segurança e características dos postos de trabalho, relações de trabalho etc. (Mendes, 2007). Como locus do estudo, foi selecionado o Mercado do Artesanato de Maceió². É um espaço de lojas para exposição e comercialização de todos os tipos de artesanato do estado, além de local onde alguns artesãos e artesãs elaboram a sua arte.

Para investigar o contexto de trabalho dos artesãos e artesãs de Maceió, foram selecionados alguns sujeitos que atuam no Mercado do Artesanato. Esse grupo de artesãos e artesãs alagoanas ilustra uma realidade muito mais ampla e diversa que se soma a outros estudos desenvolvidos sobre o artesanato no país, sobretudo no Nordeste do Brasil, o que contribuirá na construção coletiva dos conhecimentos que a academia vem conduzindo

² A gestão do mercado é de responsabilidade e mantida pela Secretaria Municipal do Trabalho, Abastecimento e Economia Solidária, a Semtabes, órgão da prefeitura de Maceió.

sobre o artesanato brasileiro, tais como Sá *et al.* (2020), Souza *et al.* (2020), Helal *et al.* (2022), dentre outros.

2 BREVE DISCUSSÃO SOBRE O ARTESANATO E ARTESÃOS

O artesanato é uma das atividades mais antigas realizadas pelo ser humano, sua origem foi datada no período neolítico, a cerca de 6.000 a.C., quando os nômades se tornaram sedentários e começaram a praticar a agricultura e, com isso, o surgimento de outras práticas comuns no que hoje é dito como artesanato, tais quais são descritas como o polimento de pedras, com o fito de fabricar armas para caça, a fabricação de cerâmicas e a tecelagem de fibras animais e vegetais. Segundo Machado e Colvero (2021), neste período foram encontrados os primeiros vestígios de objetos artesanais. Povos gregos, romanos, egípcios e pré-colombianos se destacaram por pinturas, esculturas e vasilhames esteticamente sofisticados para a época.

Resgatando o entendimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1997, artesanato se refere a objetos como produtos criados e confeccionados por artesãos, de forma manual, com o auxílio de utensílios ou não, ou por meios mecânicos. Essas criações não possuem restrições de quantidade e são elaboradas com o uso de matérias-primas provenientes de recursos sustentáveis. Constituem-se como manifestações significativas da identidade e da criatividade humana, assim, sua natureza também pode ser estética, artística, criativa, de caráter cultural, simbólicas e de significância social (Unesco, 1997).

De acordo com Fronza e Buonano (2017), o artesanato brasileiro, sendo tão diversificado quanto o próprio país, é definido como um conjunto de conhecimentos tradicionais, étnicos e técnicos, e possui a característica de que, por mãos humanas, seja transformada uma matéria-prima abstrata em um produto com um valor pessoal.

Pela importância material para economia do país e imaterial para identidade do povo, o artigo 2º da Lei federal nº 13.180 (22 de outubro de 2015) informa que o artesanato deve ser objeto de política específica no âmbito da União (Brasil, 2015), ou seja, será elaborado um conjunto de diretrizes, medidas e ações, voltadas exclusivamente para o desenvolvimento do artesanato.

De fato, o artesanato tem importante papel econômico, social e cultural no Brasil (Lima; Oliveira, 2016). Do ponto de vista cultural, para Lima e Oliveira (2016), o artesanato é uma forma de expressão que transcende a tradição e o passado. Para os autores, embora tenha raízes profundas nas práticas e técnicas tradicionais, trata-se de uma atividade em constante evolução, adaptando-se aos valores e demandas dos grupos sociais.

Do ponto de vista econômico, o artesanato tem um impacto significativo na geração de renda e emprego no Brasil. De acordo com a Agência Sebrae de Notícias (ASN) (2023), o país tem hoje cerca de 8,5 milhões de artesãos, sendo a maioria constituída de mulheres que vivem diretamente da própria produção. O setor representa aproximadamente 3% do Produto Interno Bruto (PIB) e movimenta cerca de R\$ 100 bilhões por ano (ASN, 2023).

Como mencionado por Castilho *et al.* (2017), ao entrar em contato com atividades artísticas, as pessoas são expostas a novas possibilidades, expandindo suas perspectivas e ampliando ou gerando seu capital social. Assim, o artesanato não apenas fornece uma fonte de sustento para os artesãos e suas famílias que impulsiona o comércio local e regional e contribuindo para o desenvolvimento econômico e oferecendo uma alternativa

viável de trabalho, mas proporciona novos olhares e perspectivas sobre determinados aspectos.

Para o setor do turismo, o artesanato contribui para a riqueza histórico-cultural (Luís; Figueira, 2017) na medida em que é uma atividade que oferece aos visitantes a oportunidade de conhecer e adquirir peças únicas e autênticas, criadas pelos artesãos locais. Do ponto de vista social, de acordo com Lima e Oliveira (2016), o artesanato possui um papel inclusivo e permite que diversos grupos participem ativamente de determinada comunidade.

Nesse contexto, artesão é alguém com capacidade para criar objetos de valor estético e/ou funcional, através do trabalho manual, utilizando técnicas e materiais artesanais tradicionais. Por meio do domínio integral de processos e técnicas artesanais, é capaz de criar produtos que refletem as tradições, histórias e valores de determinado povo ou localidade (Unesco, 1997).

No que diz respeito à definição em lei, o artigo 1º da Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, diz que: “artesão é toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativa”. Essa definição abrange tanto os artesãos que trabalham de forma independente quanto os que atuam em parceria com outros artesãos, criando comunidades, sejam elas formais ou não, ou em cooperação com entidades do setor artesanal, colocando a atividade no campo das profissões.

Ainda de acordo com a Lei nº 13.180/2015:

Parágrafo único. A profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos, desde que visem a assegurar qualidade, segurança e, quando couber, observância às normas oficiais aplicáveis ao produto (Brasil, 2015).

A orientação sobre o uso dos equipamentos pelos artesãos procura, principalmente, assegurar que o processo de produção artesanal esteja em conformidade com as regulamentações adequadas, garantindo a integridade e a qualidade dos utensílios disponibilizados no mercado, tanto para a segurança do artesão quanto para a do consumidor.

Para Freitas (2017), o artesão desempenha um papel crucial na criação de peças portadoras de elementos identitários, dominando todo o processo produtivo, sabendo trabalhar tanto individualmente quanto cooperativamente. Conforme o autor, o artesão cultiva suas referências técnico-produtivas, sociais, culturais e ambientais, tornando-as elementos diferenciadores de seus produtos.

Apesar da sua relevância, é muito comum pensar que os fazedores de artesanato escolhem o ofício por necessidade de renda e não por amor ao ofício. Com a industrialização e a modernização, as pessoas pararam de ver sentido nas atividades manuais por requerer um período maior para a peça ficar pronta, acarretando inúmeras adversidades para o setor artesanal (Lima; Oliveira, 2016).

Outro desafio enfrentado por esses indivíduos é o desengajamento da nova geração. Com o surgimento de novas profissões e oportunidades, os jovens têm optado por atividades diferentes de artesanato (Souza *et al.*, 2020). Como alternativa a essa situação, a criação de políticas públicas voltadas ao resgate do artesanato por novas gerações seria importante para a reconexão da ancestralidade cultural (Rodrigues, 2021).

Há ainda o desafio relativo à comercialização dos produtos artesanais. É por meio desse processo que os artesãos obtêm acesso ao mercado e, conseqüentemente, alcançam

os resultados financeiros desejados, sendo necessário que o artesão estabeleça estratégias que almejem o acesso direto ao consumidor ou ao comprador atacadista, e que atraiam o olhar do público-alvo (Irias; Farias, 2016).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Com relação à abordagem, esta pesquisa pode ser classificada como qualitativa, que possibilita adentrar, mapear e compreender a realidade dos respondentes por meio de suas respectivas narrativas, compostas por crenças, valores, atitudes e motivações (Latotski; Nogueira, 2021). Como buscou-se retratar o contexto do trabalho dos artesãos do Mercado de Artesanato de Maceió, esta investigação assumiu caráter descritivo, na medida em que descreveu características de uma população (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

Participaram desta pesquisa os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió – aqueles que efetivamente produzem artesanato de forma manual, conforme caracterização do Programa de Artesanato Brasileiro. Os indivíduos selecionados por serem considerados representativos de diferentes tipologias de artesanato e faixas etárias, selecionados pelo critério da tipicidade, por possuírem representatividade elevada para o contexto da pesquisa (Gil, 2008). A escolha do Mercado do Artesanato de Maceió como lócus do estudo teve como critério a relevância do espaço para o artesanato local (Ferro, 2023).

Os dados foram coletados por meio de análise documental e de entrevistas semiestruturadas. Dentre os documentos analisados estão a Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018, que institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro; bem como a Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, que dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências; e documentos relativos ao Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Sicab).

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com ajuda de um roteiro composto por questões elaboradas com base no referencial teórico adotado, permitindo flexibilidade e conversação continuada entre informante e pesquisador (Duarte, 2002). Quanto ao planejamento e execução das entrevistas, inicialmente foi realizado contato com o setor de administração do Mercado do Artesanato de Maceió, explicando a origem e os objetivos da pesquisa e solicitando autorização para abordar e entrevistar os artesãos do local, bem como realizar gravações de áudio. Após recebida a autorização, foram abordados artesãos apresentando os objetivos da pesquisa e informando que suas contribuições, caso aceitas sem participar, seriam anônimas.

Foram realizadas 15 entrevistas e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A quantidade de entrevistas realizadas não foi definida *a priori*, mas na medida em que as respostas foram se repetindo, percebeu-se que fora alcançado o ponto de saturação, além de terem sido abordados todos os potenciais participantes, inclusive sendo recebidas algumas negativas de contribuição (Duarte, 2002). Os entrevistados receberam um código de identificação cada, começando de E1 (Entrevistado 1) e chegando até E15 (Entrevistado 15).

Considerando os objetivos e as técnicas de coleta de dados, os dados coletados foram organizados em formato de apresentação descritiva, numa camada inicial de análise.

4 O CONTEXTO DO TRABALHO DOS ARTESÃOS DO MERCADO DE ARTESANATO DE MACEIÓ

O Mercado do Artesanato de Maceió funciona no local desde 1960 e além de ser um ponto turístico, exerce influência econômica na região e nos bairros circunvizinhos, pois está localizado no bairro popular da Levada e é parte do Mercado da Produção, considerado “o maior centro de consumo de carnes, hortifrúti e produtos orgânicos da cidade” (Oliveira, 2020, p.47). Em seu entorno há uma estação de trem do Mercado, que transporta diariamente um número significativo de pessoas, que em sua maioria, trabalham ou vêm ao centro da cidade para fazer compras; as figuras 1 e 2 ilustram esta descrição.

Figura 1: Mercado do Artesanato de Maceió e seu entorno



Fonte: Cavalcante (2020).

Figura 2: Estação de VLT do Mercado de Artesanato de Maceió



Fonte: dados da pesquisa (2024).

O Mercado possui mais de 280 lojas (divididas em dois pavimentos) que comercializam produtos artesanais, de variadas matérias-primas, funcionando todos os dias da semana (Ferro, 2023) e é nesse espaço que artesãos trabalham com diferentes tipologias artesanais e exercem seu ofício. Nas figuras 3 e 4 pode-se ver um pouco da diversidade de tipologias encontradas no Mercado.

Figura 3: Box de artesanato – Fios e Tecidos



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Figura 4: Box de artesanato: barro



Fonte: dados da pesquisa (2024).

A pesquisa teve 15 artesãos respondentes, cujo perfil de idades é de 33 a 76 anos, sendo 13 do sexo feminino e 2 homens. Nesse grupo, o menor tempo de trabalho com o artesanato foi de 8 anos, chegando até 49 anos de experiência na área. Apenas 1 pessoa não é alfabetizada, 3 têm o ensino fundamental completo, 1 possui o ensino médio incompleto, 7 concluíram o ensino médio, 2 têm graduação incompleta e 1 tem graduação completa.

Quanto ao estado civil, apenas 2 são solteiros, 10 são casados ou mantêm relação estável e 3 são separados ou divorciados. Dos 15 entrevistados, 14 têm filhos. Quando questionados em relação à renda média mensal obtida com o artesanato, a média fica em 1,3 salários-mínimos. Quanto às tipologias, destacam-se as linhas e fios (tricô, crochê, filé, fuxico, bordado, macramê, renda e diversos tipos de nós); e quanto aos produtos-finais, prevalecem os itens de vestuário e decoração.

Identificaram-se na observação que os **espaços de comercialização do Mercado** não são padronizados, com diferentes tamanhos, alguns amplos, outros muito pequenos, bem como distintas localizações: alguns situados onde há maior circulação do público (térreo) e outros com quase nenhuma circulação de potenciais clientes (primeiro andar do edifício).

Nessa perspectiva, observou-se, por exemplo, que E1 tem um espaço muito mais amplo que os demais artesãos, pois se trata de um local que pertencia ao seu pai há muitos anos. Já E2, apesar de ter solicitado um espaço de 2m x 2m, recebeu um box menor, e considera não comportar suas peças. E3 tem um espaço restrito, com estrutura precária, apesar de ser localizado no pátio, o que traz mais fluxo de pessoas. Já E4 tem um espaço maior que outros colegas, e embora o considere menor que o necessário, atribui isso a ser “bagunceira”. Assim, a partir dessas observações e relatos percebe-se que não há um padrão de ambientes físicos (boxes) estabelecido para os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió.

Verificou-se que a maioria dos artesãos se senta em cadeiras plásticas ou banquinhos de madeira. Os expositores, pranchas e estantes variam de tamanho e material do que são feitos, porque, conforme relatos, para a maioria é um investimento pessoal dispendioso providenciar essa estrutura. Além disso, foi frequente observar que muitos ouvem rádios, assistem TV ou acessam o celular ao longo do dia, aparelhos esses providenciados pelos próprios artesãos.

Boa parte dos artesãos produz suas peças nos boxes de exposição, continuando a trabalhar nelas à noite em suas residências. Para tanto, E2 reporta que passa muito tempo sentada, E3 reforça seu porte físico e que sentado numa cadeira improvisada todos os dias do ano, com as costas inclinadas para frente; E8 retoma a questão da cadeira inadequada, no seu caso de plástico. Esses são alguns exemplos das condições de trabalho improvisadas dos artesãos e artesãs na questão da ergonomia e conforto.

Algumas lojas estão termicamente mais protegidas, enquanto outras sofrem pela incidência solar, o que causa desconforto aos artesãos e ao público, e até mesmo danos às peças, que precisam por vezes ser recolhidas e tiradas da exposição. A questão é recorrente para E3 e seus vizinhos, mas, sobretudo para os artesãos do primeiro andar do Mercado, tais como E11 e E15, que reclamam da forte incidência de luz solar e o calor decorrente. Não foram identificados aparelhos de ar-condicionado em nenhum local, somente em alguns foram identificados ventiladores portáteis levados pelos próprios permissionários. Pelos relatos e observações verifica-se que não há conforto térmico nos boxes.

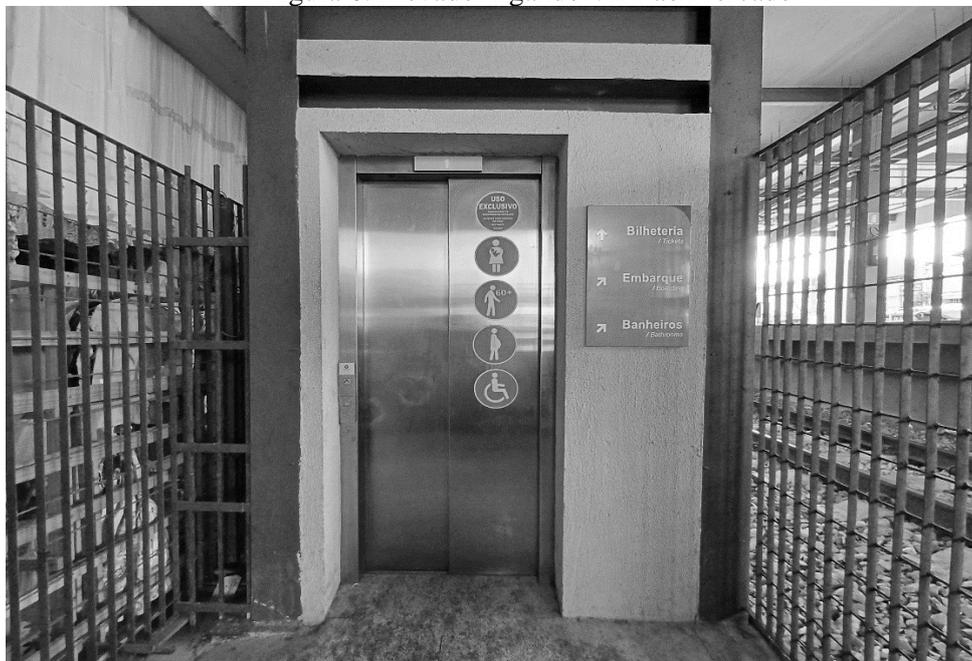
Quanto à **acessibilidade entre os ambientes**, há algumas rampas e elevador ligando o VLT ao mercado, como se pode visualizar nas figuras 5 e 6, respectivamente.

Figura 5: Rampas entre pavimentos



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Figura 6: Elevador ligando VLT ao Mercado



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Tanto nas entrevistas quanto nas observações, a localização do Mercado foi apontada como problemática, por seu entorno ser considerado feio, sujo, sem conservação e segurança e sem estacionamento. Foi muito relatado que os guias de turismo não

costumam levar os visitantes e ônibus ao local, alegando essas condições e por não receberem taxas dos permissionários do local para incentivar, por assim dizer, que eles levem seus grupos de turistas. Conforme relato de E2: “O próprio povo da terra é quem estraga. Porque os guias de turismo, às vezes, dizem assim, ‘não vá pra ali porque ali tem ladrão, ali é imundo, ali não tem estacionamento’”.

Foi consenso, entre os entrevistados, que o local é pouco visitado, sobretudo no primeiro andar, e que a falta de divulgação prejudica o fluxo de pessoas ao Mercado. Além disso, quando o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) passa, há ruído de buzina e tremor do piso nas lojas que ficam ao lado da estação (figura 7).

Figura 7: O VLT e o Mercado do Artesanato



Fonte: Portal G1 (2018).

Essas condições acima descritas podem ser mais bem compreendidas a partir dos relatos a seguir:

[...] Como você tá vendo as coisas estão difíceis[...]. Porque você trabalha com formol, você trabalha com cloro, cloro puro... Quanto ao formol, não tem problema. Eu boto sempre a favor do vento de noite pra embalsamar. Não faço dentro de casa, faço na calçada, na rua, porque está a favor do vento (E2).

Às vezes eu passo uma semana sem vender nada aqui, aí quando me chamam pra ir pra um evento, aí é onde há uma possibilidade maior, porque o fluxo de turismo que vem aqui ao Mercado do Artesanato é muito pequeno [...] aqui o Mercado do Artesanato é o local mais barato para se comprar artesanato, para se presentear. Enquanto uma loja lá na orla vale R\$ 1.500,00, R\$ 2.000,00, aqui é R\$ 200,00, R\$ 250,00. A gente tem preço, só que a gente não tem público. O pessoal que vem aqui é muito pouco, tá entendendo? E aí, quando dá 16h, já tá todo mundo fechando, já[...]. E o turista, ele começa a fazer compra depois de 19h30, 20h, até 22h... A pessoa vem dos passeios, janta e depois sai com a família para passear ou para comprar alguma coisa (E3).

Aqui as condições de trabalho não são muito boas, porque a gente não tem a clientela. Quando o turista vem, vem lá embaixo [...]. Aqui na

loja, o que me incomoda é o sol. Aqui tinha uma árvore. Cortaram as árvores aqui da frente. Aí o sol incomoda muito. Eu nem posso ficar com a loja aberta mais de três horas, porque o sol entra e fica queimando as peças. E com essa temperatura que a gente está, né? Aí isso incomoda muito. E também tinha o problema do banheiro aqui, mas graças a Deus já resolveram, porque não tinha descarga, né? Estava quebrado. Passou um tempo... Aí incomodava porque ficava sujo. Não só por nós, pelo cliente mesmo que vinha, né? Mas tirando isso... Eu me sinto uma pessoa abençoada, porque nem todo mundo tem a oportunidade que eu tenho. De qualquer maneira, aqui é um espaço bom. É onde eu divulgo o meu trabalho. É onde eu dou uma referência ao meu cliente [...]. Então, eu estou satisfeita com isso [...] (E15).

Sobre **as tarefas do trabalho do artesão**, E10 argumenta que os artesãos trabalham e sempre trabalharam por temporada. E5 destaca que suas peças são criadas por ela mesma, sem copiar ninguém. Já E2 explica que, por exemplo, trabalha com uma marreta de 1kg, e seu artesanato é muito pesado, além de utilizar produtos químicos. E3 detalha sua tarefa, bem diferente do que E2 vivencia, uma vez que se trata de peças pequeníssimas e frágeis, a saber, esculturas em palitos de fósforo.

Quando questionados sobre **a rotina de trabalho**, a maioria dos entrevistados não restringe suas atividades somente a um ateliê ou ao Mercado do Artesanato, mas também trabalham em suas residências à noite e muitas vezes nos finais de semana, tornando sua casa um prolongamento do Mercado e vice-versa, sobretudo quando estão trabalhando numa encomenda. É o caso de E4, E9, E13 e E15.

E11, por exemplo, descreveu que inicia seu dia de trabalho 5h da manhã, indo juntar conchas (sua principal matéria-prima de trabalho) na lagoa, chega ao Mercado do Artesanato às 6h e sai às 17h, por vezes às 18h ou 19h. Ao chegar em casa, esclarece que continua trabalhando até às 21h ou 22h. E12 relata ficar até 15h no Mercado, volta para casa e, após cuidar das tarefas domésticas, trabalha no artesanato até 22h30, na verdade não tendo limite de horas quando tem um projeto em curso: “Só paro quando eu termino. Na semana, no feriado. É porque o trabalho é tão prazeroso que não parece ser trabalho, entendeu?”.

Corroborando esse padrão, E8 frisa que seus bordados, panos, linhas e bastidores a acompanham para onde for, e que está sempre fazendo suas peças, só não produzindo à noite devido a dificuldades na visão. As exceções foram E5 e E7, que não trabalham em casa, centralizando suas tarefas aos seus boxes no Mercado do Artesanato. Apesar de pontuar que não trabalha em casa, E5 explica que, por vezes, de madrugada se coloca a responder clientes por aplicativos, e fazer acabamentos e embalagens nas peças. Esse cotidiano que faz o contexto do trabalho ser levado para casa, ou a casa ser o local oficial da produção, remete ao que foi encontrado por Martins, Lescura e Sant’Anna (2022) com outro grupo de trabalhadores.

O único relato de restrição ao local de trabalho foi o de E14, conforme segue: “Ter tirado o meu ateliê de casa, profissionalizado ele, fazendo um ponto fixo.”

Conde, Cardoso e Klipan (2019) já incluíam os aspectos econômicos como impactantes no contexto de trabalho, tal qual se pôde observar durante as entrevistas, nas quais, ao tratarem sobre suas condições de trabalho, os artesãos e artesãs relatam condições precárias e necessidade de trabalhar mais do que oito horas por dia para conseguir sobreviver.

Aqui no Mercado do Artesanato, eu consegui fazer com que o meu artesanato virasse uma empresa. E aí, como todo mundo que tem um horário para chegar, para sair, horário de almoço, eu me polio para fazer isso, porque o meu ateliê é uma empresa que precisa de mim, precisa da minha disciplina com relação ao horário. Então, antes de ter uma ajudante, eu levava muito trabalho para casa. Agora não, agora o meu ateliê se resume só aqui. Fechei a porta, acabou o horário de expediente [...]. Quando o meu ateliê estava precisando ser conhecido, eu trabalhava dia de sábado, dia de domingo. Depois que o ateliê passou a ter o nome dele, a ter a identidade dele, e ele começou a crescer nesse meio, eu disse, “não, agora é a hora de realmente fazer a empresa ser no horário comercial” (E14).

Durante as entrevistas emergiram relatos acerca das **políticas públicas voltadas ao artesanato**, quer seja elogiando, criticando, ou mesmo unindo elogios e críticas. E14, por exemplo, entende que o Estado e a Prefeitura reconhecem e apoiam o comércio dos artesãos, viabilizando a participação em feiras, sendo atualmente acessível ir aos gabinetes do Prefeito, de Deputados e Vereadores, além de mencionar o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) como apoiadores. Porém a ressalva de que não é um reconhecimento pleno. Já E5 mencionou a burocracia dos bancos para liberar empréstimos, defendendo que o governo tenha uma linha de crédito para o artesão.

E2 reclamou que o poder público não incentiva a visita de turistas ao Mercado do Artesanato, não facilita acesso à capital de giro ou empréstimos com juros menores. A artesã declarou que a Secretaria Municipal do Trabalho, Abastecimento e Economia Solidária (Semtabes) alega apoiar os artesãos, mas ao comparecerem à Secretaria se apresentam muitas dificuldades nesse processo.

Por outro lado, E8 sente falta de mais apoio dos governantes e relata que o pequeno artesão sofre para vender suas peças e tem muitas portas fechadas. A artesã entende que o Mercado do Artesanato deveria ser incluído na Secretaria de Turismo e não na Semtabes, destacando que o local do Mercado consta como feira, perto do Mercado da Produção. Segundo a artesã,

Sai Prefeito, entra Prefeito, e não fazem nada. Esse JHC ainda deu uma melhorada, né? Mas as vendas continuam baixas. (Precisava) melhorar o entorno, tirar essas coisas feias daqui, ou então nos colocar em outro lugar [...]. Eu gostaria muito que isso aqui mudasse, né? (E8).

A artesã complementa e reforça a necessidade de que o poder público deveria incentivar mais o artesanato, promovendo cursos e oficinas, e tornar o Mercado do Artesanato de Maceió uma escola, e que faculdades também deveriam incentivar, e as escolas deveriam resgatar as aulas de educação artística, as quais, acredita, fizeram muitas pessoas se tornarem artesãs. E9 também reclama do pouco apoio do governo, sobretudo aos espaços de comercialização, referindo que muitos colegas não podem pagar um local para expor suas peças. Esses depoimentos dialogam com Sá *et al.* (2020a), que defendem que a condição artesã deve ser considerada quando da formulação e implementação de políticas públicas para o setor do artesanato.

Alguns temas recorrentes nas falas dos artesãos foram identificados como os principais desafios dos fazeres do seu cotidiano. Na sequência, ilustramos com alguns trechos das entrevistas.

No entendimento de E12, **os atravessadores** constituem-se um desafio para as atividades dos artesãos, na questão da valorização, identificação da origem do trabalho e acesso aos potenciais compradores. Corroborando, E2 e E1 dizem que eles são um desafio não somente em Alagoas, mas Brasil afora e em todo segmento, e segue detalhando:

Então é aquela pessoa que tem o dinheiro, e ela vai lá na fonte, e ela compra desses artesãos e leva para as lojas chiques dela. A coisa é tão lucrativa que grandes centros já começaram a observar isso, como hotéis que constroem áreas exclusivas de vendas de artesanato, '[...] E que é criado uma barreira para que esse cara que produz aqui no ateliê não vá para os grandes centros, não leve seu produto de R\$ 1,00 a R\$ 100,00, porque esse intervalo já tem quem fique com ele... Existe a terceirização também dentro do artesanato, existem grandes nomes famosos aí com galerias de arte que terceirizam a mão de obra para poder não levar a culpa quando for pego com o crime, ou para não ficar feio na etiqueta, e a gente sabe disso. Eu sei de pessoas que compram as minhas peças e assinam. Eu sei quem são (E1).

Outro ponto lembrado por E1 foi a **dificuldade de aquisição de matéria-prima** em Alagoas:

Vou dar um exemplo: a minha matéria-prima hoje é o barro. Já existem leis ambientais que controlam o barro. Qualquer extrativismo hoje existe regulamentação federal. Está errado? Não, está certo; porque tirar o barro para um oleiro construir um bonequinho, é uma coisa. Mas a indústria chega lá e bota máquinas para fazer as escavações, para fazer telhas de tijolos e se deixar, faz até uma casa pré-moldada toda de uma vez só. Aí começa a retirada, a exploração, o transporte, todo esse processo já começa (E1).

Situação semelhante é enfrentada por E10, que trabalha com outra tipologia de artesanato:

A maior dificuldade é que o nosso comércio é fraco, é pobre para a matéria-prima. As linhas, cores das linhas, sabe? Não acho fácil (matéria-prima) porque é complicado, né? E depois o dinheiro é pouco, a gente já compra pouco. [...] (E10).

E8 também reclama do acesso à matéria-prima: *“Minha dificuldade aqui é encontrar matéria-prima, porque os tecidos que eu trabalho não têm essa variedade aqui, como a gente encontra em Caruaru ou no Recife... Meus tecidos eu compro em Arapiraca... Maceió fica muito a desejar sobre matéria-prima, né?”*, e E9 corrobora: *“Eu gostaria de ter mais acesso ao material. Que fosse mais barato, por exemplo. Para que a gente pudesse trabalhar mais”*, e E12 repete: *“até a matéria-prima é difícil de comprar. A gente compra super mais caro, porque já vem de fora, e sempre falta. Às vezes, deixa de fazer uma peça, porque não tem matéria-prima, tem que comprar pela internet, e sai muito caro o frete.”* Neste ponto, é possível identificar o questionamento sobre o acesso às matérias-primas naturais que dependem de regulamentação dos órgãos ambientais, bem como da questão de acesso aos mercados fornecedores de materiais.

E1 segue **falando de logística, impostos e formalização do trabalho**:

E aí depois você está com o produto pronto, depois de todo esse processo de dificuldade de matéria-prima, ferramenta, e eu te falo essa história da queima de novo, você precisa ter espaço, investimento, toda essa estrutura base, bancadas e monte de coisa aí vem o processo de logística, você vai produzir tua peça, como você vai entregar essa peça? Eu tenho um problema seríssimo com os Correios. Eu tenho mais de 40 ocorrências nos Correios, de danificarem minhas peças, de perderem a abandonarem no pátio e a chuva dissolver a embalagem, a extravio e quebra etc e tal. Existe um monopólio do transporte, um controle no transporte que só vai por ali. Eu sou proibido de exportar o meu produto, porque eu no máximo consigo ser um MEI como artesão, porque se eu for como micro eu não aguento pagar os impostos, então eu tenho que ser um MEI mesmo. [...] (E1).

Como ilustrado até o momento, o fazer do artesanato enfrenta desafios desde o acesso básico ao material até a fruição do que é produzido, seja na existência de mercados ou a divulgação dos trabalhos, como é ilustrado neste outro desafio mencionado, é a **falta de divulgação do trabalho e do local de exposição**. E12 protesta que “Falta a divulgação, né? Aqui no meu ponto de trabalho, por exemplo” e E9 desabafa:

É o que a gente sempre reclama. Eu gostaria de ter um lugar mais visitado. Com mais movimento... um lugar de venda... um local com mais movimento de turistas, de pessoas. Para que a gente pudesse vender melhor.

E9 explica a dificuldade de não haver mais espaço na cidade para comercialização, e conta que muita gente produz, mas não tem onde vender, sobretudo porque não pode pagar um aluguel.

Nesse sentido, E15 complementa:

O movimento, né? Até porque a gente está no primeiro andar, que praticamente não existia. Aí, do ano passado pra cá foi que veio reativar as lojas. Estava muita loja fechada. Mas ainda é fraco, porque não é muito conhecido aqui em cima.

A artesã diz que o público que frequenta o térreo geralmente não sobe para o primeiro andar.

Além daquelas, identificamos as **dificuldades no plano administrativo-organizacional**, como por exemplo, E2 se deteve longamente sobre a **falta de acesso a capital de giro e dificuldades financeiras**: “Você, pra trabalhar com artesanato, você tem que ter um capital de giro... Se a gente tivesse capital de giro, seria melhor. Se tivesse alguém que nos ajudasse, com juros mais baixos, seria melhor pra gente trabalhar. Mas a gente não encontra”. E3 também trouxe muito conteúdo sobre aspectos financeiros como desafio:

Agora só que viver de arte não é fácil não, sabe, cara? Num país onde o salário mínimo é mil e pouco reais. Ou seja, tu vai alugar uma casa, por mais simples que seja, o salário mínimo não dá pra pagar a água, a luz e o aluguel da casa. E tu vai comer o quê? [...] Eu fiquei a pandemia todinha vivendo das economias que eu tenho, pra minha sorte eu não pago aluguel de casa, não tenho vícios de bebida, nem de fumar, nem

de tá nas farras, tá entendendo?... Mas a dificuldade financeira é muito grande, cara, é muito grande. Se você fizer um levantamento do quanto que você ganha, do quanto que você gasta, você gasta muito mais do que você ganha. Por que isso? Porque você está num local onde você não está sendo valorizado como profissional... [...] Se tu vai a um local desse e tu vende, ótimo. E se tu não vende nada... Não tem pessoas para adquirir o teu trabalho. Como fica a tua situação? Que se esforçou tanto e não teve retorno... Não é porque o trabalho não tem qualidade. É porque não tem pessoas para adquirir o trabalho (E3).

Outra situação é a **falta de preparo para trabalhar as novas tecnologias de informação e comunicação e os editais de financiamento**, como E3 relata o outro desafio que é a **falta de habilidade com as tecnologias e de lidar com editais**, que acaba impossibilitando a participação em alguns eventos e oportunidades. Sobretudo as gerações mais antigas de artesãos referem essa dificuldade: “meu grande problema é ter quem prepara o edital pra mim, que eu sou muito leigo na forma de estar mexendo com um celular, com um notebook, essas coisas, eu sou muito devagar, tá entendendo? Deixei de participar da FeneArte Recife esse ano (por causa disso)”, refletindo que deveria haver um contato com os artesãos que não dependesse dos meios digitais, por exemplo, procurando-o em respeito ao seu histórico de participações em eventos, de bom profissional e cidadão, não devendo ser excluído por falta de familiaridade com o uso das novas tecnologias.

Mais outro desafio apresentado foi o de **lidar com diferentes encomendas**, por vezes difíceis, tal como comentou E4, listando peças que não está acostumada a fazer; E6 se desafiando a ser uma profissional melhor, e E9 que no momento da entrevista estava preocupada com uma encomenda de uma bandeira de Maceió de 5 metros, mas estava confiante que iria conseguir. Esses aspectos relatados ilustram a complexidade de que os fazeres do artesão vão muito além do produzir o artesanato, impõem-se a necessidade de outros saberes.

Visando identificar desafios do contexto social e, considerando que dos 15 entrevistados 13 são do sexo feminino, foi incluído um questionamento sobre a **especificidade de ser uma mulher artesã**.

Questionada se há diferença nas vivências do artesão para a artesã, E11 diz que “é igual. Eu acho que é igual”, e E4 complementa: “não, aqui o artesanato não tem isso. Pelo menos nessa área que eu trabalho, né? Porque o artesanato sabe que ele é... São várias áreas, né? Várias coisas. Pelo menos na minha não vejo nenhuma dificuldade, nenhuma restrição”. E12 também pensa assim, diz que nunca percebeu desafios específicos e acha que a mulher artesã recebe reconhecimento. Já E5 acredita que:

Muitas vezes a gente é mais forte do que muitos homens. Porque a gente, principalmente, quando a gente é mãe, né? Você sabe que você tem que lutar, não só por você, mas pela sua casa, pela sua família. Então, mas sempre tem aquele que olha pra você e pensa, “bichinha, será que ela vai conseguir?” Entendeu? Então é isso, mas eu não ligo não, sabe? (E5).

E14 diz que não percebe desafios, mas apesar disso, cita episódios de superação:

Então, não. Não no meu mercado, porque a maioria das pessoas que produzem as peças como eu produzo são do sexo feminino. E aí o que

a gente pode chegar a ver, escutar alguma coisa, é sobre capacidade, mas eu nunca participei disso. [...] (E14).

O relato de E2 faz menção aos tipos de artesanato, e segue esse caminho de orgulho por seu ofício e suas vitórias:

Tenho. Porque tem muito homem que não tem a coragem que eu tenho. Entendeu? E tem muitos homens aqui, que já tentou fazer isso aqui e não conseguiu. E eu faço. Eu tenho orgulho de ser o que eu sou. De superar o homem no trabalho que eu faço. É mais difícil? É. É mais difícil pra mulher do que pro homem, por causa de ser pesado. É pesado. É um tipo de artesanato mais pesado. Eu me sinto orgulhosa por ser uma mulher. E tem homem que não tem coragem de fazer (E2).

E6 entende que há desafios, e complementa:

É, às vezes, olha, eu acho que ainda temos (desafios por ser mulheres). Embora que as artesãs, a maioria das artesãs são mulheres. Homens são poucos. Mais na madeira, que tem o homem, né? Que faz com madeira, essas coisas. Mas as artesãs mulheres, às vezes, têm muitas que têm um pouco de dificuldade, eu acho que as mulheres, às vezes, sofrem um pouquinho, por não ter coragem de sair, de fazer o seu trabalho. De, às vezes, ficar reprimida em casa. Às vezes, é uma boa artesã, mas, às vezes, também não tem apoio do marido [...] (E6).

Nisso, foi possível perceber o trabalho com artesanato com um campo de afirmação da identidade entre as mulheres, seja pelas afirmações ligadas ao desafio da maternidade ou mesmo de conviver com uma rotina que exige força física e psicológica para enfrentar as dificuldades do trabalho. O trabalho no artesanato é também um desafio para as mulheres pela sua condição e lugar na sociedade brasileira, como acontece em outros campos profissionais, há, por exemplo, uma predominância do gênero em algumas tipologias do artesanato.

Por fim, destaca-se o **desengajamento das novas gerações**. É um fenômeno que vem se apresentando como desafio em vários âmbitos do artesanato. Nessa perspectiva, segue relato de E14:

Hoje em dia os jovens não querem tanto saber, querem pronto, né? Querem o prático. E esses trabalhos manuais, eles requerem paciência, que hoje em dia o pessoal jovem não tem [...]. Por mais que digam que idoso não tem paciência, eu acho que é o pessoal mais paciente que tem para ensinar [...]. Eu aprendi sozinha [...]. Meu filho mais novo corta. Tudo que tiver molde ele corta, ele desenha, ele pinta. O mais velho não tem interesse, mas o mais novo me acompanha [...]. Ele quer fazer faculdade, porém, ele também fala que vai fazer essa parte de artesanato [...]. Já ouvi muito (jovem) dizer: “Ah, isso é coisa de velho” [...]. Com essa evolução de poder ganhar dinheiro de outras formas, eles acabam achando que o artesanato não é valorizado por isso, né? [...].

Esse desinteresse pelo artesanato nas novas gerações, a dificuldade e demora de trabalhar com manualidades e a busca por praticidade e maiores lucros podem estar relacionados ao desafio representado pela concorrência, nos eventos e Mercados, do

verdadeiro artesanato com itens não artesanais, comprados prontos, que competem pela atenção do cliente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto é resultado de uma pesquisa descritiva sobre as condições de trabalho dos artesãos e artesãs do Mercado do Artesanato de Maceió. Como se trata de uma primeira aproximação com os sujeitos pesquisados e a condição artesã em Maceió, é apresentado um texto ainda em fase de construção. Abaixo, algumas considerações em caráter preliminar, relacionadas ao que foi identificado em estudos de outros campos empíricos.

Parte significativa dos desafios reportados pelos entrevistados é inerente ao **artesanato enquanto atividade econômica**, e apontam na direção de que a ocupação com o artesanato esbarra em percalços inerentes às práticas de produção e consumo capitalista dominante (Sá *et al.*, 2020). Como também, as dificuldades relatadas pelos artesãos alagoanos no que concerne à logística, precificação, gestão de capital de giro, dentre outras, remetem ao que Loreto (2016) e Sá *et al.* (2020) consideram como um conjunto mínimo de práticas que, quando desconhecidas, podem trazer implicações sérias para o trabalho artesanal e seu rendimento.

Sobre a **especificidade de ser mulher**, o estudo de Souza *et al.* (2023) com artesãs do Alto do Moura retrata que o papel da mulher na temática de produção, trazendo a tensão de serem, por um lado, protagonista das peças, e de outro, oprimidas por mecanismos sociais, econômicos e culturais, em geral, as mantêm em uma situação de poder desvantajosa na comunidade. Esse aspecto pode trazer *insights* sobre os relatos das entrevistadas no Mercado de Artesanato de Maceió, na medida em que algumas delas reconhecem esse desafio, mas seguem citando situações de superação de desigualdades entre homens e mulheres.

Em se tratando dos **atravessadores**, o trabalho de Moraes e Santos (2024) com artesãos de Bezerros evidenciou que os atravessadores têm papel significativo, sendo um elo entre os artesãos e os canais de distribuição (lojas da capital) e os consumidores. No caso dos artesãos e artesãs de Maceió, essa relação parece ser marcada por dependência e exploração, pois são eles que estabelecem contato direto com uma rede significativa de clientes/compradores.

A atividade artesã é normalmente associada à **transmissão de geração para geração** e reproduzida no modo de vida, nos saberes e nos fazeres de determinada sociedade. Disso também decorre seu caráter de atividade social em virtude da maneira como se organiza; nela as gerações mais novas são iniciadas ainda na infância como forma de complementar o sustento da família (Lopez-Lopez; Isunza-Bizuet, 2019). Nesse sentido, os relatos dos artesãos de Maceió ainda não permitem especular acerca dos gatilhos (Souza *et al.*, 2020) por trás de um possível desengajamento da nova geração.

As pretensões desse estudo envolvem contemplar o artesanato por entender sua relevância para a cultura e como tal, apresentar os desafios enfrentados por um grupo de artesãos alagoanos em sua atividade laboral. Nesse sentido, quando do aprofundamento, entende-se que esta pesquisa trará novas contribuições relevantes ao estudo da condição artesã que está relacionada a outras realidades empíricas, mas que pode apresentar mais especificidades na realidade de Maceió e que isso pode contribuir para formulação e implementação de políticas públicas mais adequadas ao respectivo setor em nível local e regional.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SEBRA DE NOTÍCIAS (ASN) **Artesanato na moda e na decoração é tendência em 2023**. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/cultura-empresendedora/artesanato-na-moda-e-na-decoracao-e-tendencia-em-2023/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

ALAGOAS. **Catálogo Alagoas feita à mão**. 2. ed. Maceió: Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Turismo, 2021.

BRASIL. Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Base conceitual do Programa de Artesanato Brasileiro (PAB)**, 2012.

BRASIL. **Lei Nº 13.180, de 22 de outubro de 2015**. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113180.htm. Acesso em: 12 out. 2023.

CASTILHO, Maria Augusta *et al.* Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, [on-line] v. 18, n. 3, 2017.

CAVALCANTE, M. Mercado do Artesanato de Maceió. *In: Projeto Alagoas*. Disponível em: <https://projetoalagoas.com/mercado-do-artesanato-de-maceio/>. Acesso em: 31 jan, 2024.

CAVALCANTE, M. M; VASCONCELOS, D. A. L. Saberes e fazeres populares: o artesanato nas regiões turísticas de Alagoas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 22, n. 1, p. 51-62, 2022.

CONDE, A. F. C.; CARDOSO, J. M. M.; KLIPAN, M. L. Panorama da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil entre os Anos de 2005 e 2015. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 19-36, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120103>. Acesso em: 07 jul. 2023.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, mar. 2002.

FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. Artesanato nos estudos organizacionais: a literatura e brasileira de 2006 a 2015. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 120-135, 2017.

FERRO, J. **Mercado do Artesanato encanta visitantes de todo o Brasil e estrangeiros**. Maceió: Ascom Semtabes. 2023. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/semapa/mercado-do-artesanato-encanta-visitantes-de-todo-o-brasil-e-estrangeiros>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FREITAS, A.L. C. **Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto**. 2. ed. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2017.

FRONZA, A. L.; BUONANO, D. G. Artesanato brasileiro: iconografia da Identidade Nacional. **Educação Gráfica**, v. 21, n.3, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HELAL, Diogo Henrique *et al.* **O perfil da atividade artesã nos estados da região Nordeste do Brasil**, n. 211, p. 1-49, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/2135/1676>. Acesso em: 21 abr. 2023

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php

IRIAS, M.; FARIAS, R. C. P. Artesanato, Cultura e Identidade do Grupo ART D’MIO de Brás Pires-MG. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 27, n.2, p. 119-151, 2016.

LATOSKI, A.; NOGUEIRA, E. E. S. Dimensões temporais e espaciais da prática empreendedora em grupo: o caso da feira de artesãs como comunidade de prática. **Cad. EBAPE.BR**, v. 19, n. 1, 2021.

LIMA, M. F.; OLIVEIRA, A. J. Artesanato e design: relações delicadas. **Anais... 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, Belo Horizonte/MG, 2016.

LOPEZ-LOPEZ, S.; ISUNZA-BIZUET, A. Tejido y vida cotidiana: “El cuerpo manda”. Discurso sobre trabajo y corporeidad entre las artesanas expertas de San Juan Chamula. **LiminaR [on-line]**, v. 17, n. 2, 2019.

LORÊTO, M. S. **Políticas públicas de artesanato na reprodução da força de trabalho dos artesãos em barro no Alto do Moura**. 2016. 251 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

LUÍS, S. C. A.; FIGUEIRA, L. M. Artesanato e turismo: artesanato, valorização e desenvolvimento. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, n. 27/28, 2017.

MACHADO, J. P.; COLVERO, R. B. A memória do artesanato: de tentos a tranças. **Sillogés**, v.4, n.1, 2021.

MARTINS, F. C. D.; LESCURA, C.; SANT’ANNA, E. S. Prazer e sofrimento de trabalhadores de uma rede de resorts: contribuições da psicodinâmica do trabalho. **Gestão & Regionalidade**, v. 38, n. 115, p. 225-241, 2022.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. (Coleção Trabalho Humano).

MORAIS, I. A. L.; SANTOS, E. F. Atravessadores, turistas e políticas públicas: entendendo a capitalidade da economia do artesanato através dos artesãos de Bezerros (Pernambuco-Brasil). **Desafio Online**, Campo Grande, v.12, n.1. 2024.

OLIVEIRA, J. F. A. R. **Desenvolvimento de identidade visual para o mercado do artesanato da cidade de Maceió**. Curso de Design, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/10046/1/Desenvolvimento%20de%20identidade%20visual%20para%20o%20mercado%20do%20artesanato%20de%20Macei%C3%B3.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

UNESCO. **International Symposium on “Crafts and International Market: Trade and the customs** Manilla, Philippines, 6-8 October 1997.

RODRIGUES, A. **Políticas públicas do artesanato brasileiro**. Disponível em: <https://redeartesanatobrasil.com.br/2021/09/24/politicas-publicas-artebr/>. Acesso em: 20 out. 2023.

SÁ, M.; SOUZA, D. C.; SOUSA, J. R. F.; LEAL, B. T. A comunidade artesã do Alto do Moura no século 21: tensões emergentes em um espaço social local em transformação. **Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais**, n. 52, jan./jun. de 2020.

SÁ, M.; SOUSA, J. R. F.; SOUZA, D. C.; SILVA, S. K.; LEAL, B. T. O que nos disse a comunidade? A construção de uma agenda pública de demandas coletivas no Alto do Moura-PE. **Rigs - Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 9, p. 147-159, 2020a.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SEBRAE. **Data Sebrae**. 2021. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/artesanato/>

SOARES, R.; FISCHER, T. Aqui aprendeu da mãe que aprendeu mãe: memórias e significados do artesanato no território Sisal/BA. EnANPAD, 34, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

SOUZA, D. C.; SOUSA, J. R. F.; SÁ, M. G.; LEAL, B. T. O desengajamento do trabalho artesão e os rumos da nova geração na comunidade do Alto do Moura-PE. **Cad. EBAPE.BR**, v. 18, n. 3, jul./set., 2020.

SOUZA, D. C.; SOUSA, J. R. F.; SA, M. G.; LORETO, M. S. S. Onde estão as mulheres? Os lugares das artesãs na comunidade do Alto do Moura-PE. **CAOS. Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 30, 2023.